



FEMINISMO EM CARUARU: REFLEXÃO SOBRE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E MOVIMENTOS FEMINISTAS DE 2009 A 2016

Elba Ravane Alves Amorim

*Associação Caruaruense de Ensino Superior – Faculdade ASCES/Faculdade Maurício de Nassau/
Diversa: Centro de Pesquisa em Direitos Humanos, Gênero e Democracia*

elbaravane@gmail.com

RESUMO: O artigo tem como objetivo geral **refletir** o feminismo no Município de Caruaru. São Objetivos específicos: **Debater** a transição do movimento de mulheres para os movimentos feministas no cenário político de Caruaru e **Identificar** ações da Administração Pública que corroboram para o crescimento do movimento feminista no município. Desenvolvemos o presente estudo a partir da pesquisa bibliográfica tendo como base teórica os estudos desenvolvidos por Céli Regina Jardim Pinto e Heleith Saffioti, e documental com base em cartas dos movimentos sociais e anuários da Secretaria da Mulher de Caruaru. Os resultados obtidos apontam que de 2009 a 2016 diversos acontecimentos colaboram com a transição para a constituição de movimentos que se auto identificam como feministas e passam a pautar o enfrentamento direto a Ordem Patriarcal de Gênero e que as ações desenvolvidas pela Administração Pública através da Secretaria Especial da Mulher, contribuíram com o crescimento da pauta no município, através da criação de espaços para diálogos com as mulheres e entre as mulheres, assim, deu-se o surgimento de estudos epistemológicos sobre o assunto e a visibilidade sobre as temáticas das mulheres, desse modo, consideramos que a administração pública através da Secretaria Especial da Mulher contribuiu ainda que indiretamente com uma onda mais subversiva do feminismo na cidade.

Palavras-Chaves: Feminismos, Caruaru, Administração Pública.

INTRODUÇÃO:

Caruaru é um município localizado no agreste de Pernambuco, nordeste do Brasil. É o município mais populoso do interior estado, com 324 mil habitantes. A população total de mulheres corresponde a aproximadamente 156 mil habitantes (IBGE). Região historicamente desigual, a cidade tem forte tradição no coronelismo político.

Em 2009, o Prefeito José Queiroz de Lima (PDT) criou o primeiro Organismo de Políticas para Mulher (OPM) da história do Município, o organismo inicialmente nominado de Secretaria Especial da Mulher (SEM), tinha o status administrativo de Secretaria Especial e era vinculada ao gabinete do Prefeito.

Caruaru não tinha Conselho Municipal da Mulher. Em 1987, na gestão também do



Prefeito José Queiroz, o Conselho havia sido criado, mas, foi posteriormente desativado. Fato que reflete a ausência de movimentos feministas na cidade neste período capazes de pressionar os governos pela manutenção e funcionamento do órgão de controle social.

O que se verifica é que após 2009, os movimentos e discussões sobre mulher, gênero e feminismos na cidade cresceu de forma significativa, chegando em 8 de março de 2016, a um grupo com 19 organizações que autodeclararam-se feminista lançar uma carta em defesa dos direitos das mulheres.

O presente artigo tem como objetivo geral refletir o feminismo no Município de Caruaru. São Objetivos específicos:

- Debater a transição do movimento de mulheres para os movimentos feministas no cenário político de Caruaru;
- Identificar ações da Administração Pública que corroboraram para o crescimento do movimento feminista em Caruaru;

A ciência produzida pela academia durante muito tempo perseguiu a neutralidade que era considerada condição para cientificidade. Hoje, essa é uma questão superada por alguns setores da academia. Saffioti (2001, p. 130), observa que:

[...] as abordagens feministas são denominadas de ideológicas por esta autora, a ciência dos homens, a ciência oficial é neutra. Ora, nem no campo das ciências naturais se acredita nesta história de carochinha. No domínio da epistemologia, a

contribuição feminista tem sido valiosa, criticando a razão cartesiana e, nesta direção, ampliando os horizontes das(os) estudiosas(os).

No presente artigo, adotou-se a abordagem feminista de investigação. Para Martha Giudice Narvaz (2005, p. 57):

Faz-se necessário, nesse sentido, embora ainda um tanto tabu em nosso meio científico, assumir que nossas escolhas são um ato político, mesmo em se tratando de escolhas de métodos de pesquisa ou das teorias com as quais escolhemos trabalhar.

A história e a linguagem invisibiliza, historicamente, a produção científica das mulheres e as mulheres enquanto protagonista da ciência. Como destaca Haraway (2004, p. 203):

[...] esta crítica sutil identificava uma importante arena da luta feminista – a canonização da linguagem, da política e das narrativas históricas nas práticas editoriais, incluídos aí os trabalhos básicos de referência.

Por essa razão esse artigo pode vir a ser uma pequena, porém, importante contribuição para os estudos do feminismo no contexto do município de Caruaru-PE, que precisa ser debatido, estudado e historicizado.

Utilizou-se assim, a pesquisa **bibliográfica** a partir de Céli Regina Jardim Pinto que tem se dedicado aos estudos a história do feminismo no Brasil e Heleith Saffioti, internacionalmente reconhecida por sua análise pioneira da desigualdade entre homens e mulheres no Brasil a partir de uma abordagem marxista. Realizamos também a



pesquisa **documental**, com base em cartas dos movimentos sociais e anuários da Secretaria da Mulher de Caruaru, para CELLARD (2008, p. 295):

[...] o documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. Ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Além disso, muito frequentemente, ele permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As discussões sobre o feminismo tem didaticamente apresentado a história do feminismo em três ondas ou vogas. Por ser algo já bastante debatido, não focaremos nesse aspecto, importantes porém refletir que no mundo, a primeira onde do feminismo é marcado pela reivindicação das mulheres por participação no mundo da política e do trabalho. Na segunda onda do feminismo as mulheres passam a reivindicar seus direitos a partir do questionamento das desigualdades impostas pelo patriarcado e na terceira onda a diversidade de identidade das mulheres estará no centro do debate, ficando conhecida como feminismo da diferença.

Celi Regina Pinto observa que a partir de 1979, o feminismo no Brasil pode ser estudado a partir de três perspectivas:

[...] a conquista de espaço no planejamento institucional, por meio de Conselhos da Condição da Mulher e Delegacias da Mulher; a presença de mulheres em cargos eletivos; e as formas alternativas de participação política. (PINTO, 2003, p. 68).

Buscamos pesquisar documentos que apontassem a articulação de mulheres em movimentos que se auto-identificassem feministas, para tanto, consideramos como central da questão, o questionamento difundido na segunda onda do feminismo, qual seja, a denúncia da relação hierarquizada entre homem e mulher, no entanto, não identificamos a presença de tais organizações no passado recente da cidade, isso não significa que não tenham existido, pois, tal afirmação exigira uma pesquisa mais aprofundada que levasse inclusive em conta a história oral das mulheres que se organizavam em outros movimentos.

O anuário 2009 da Secretaria da Mulher de Caruaru apontou que no I Fórum de Mulheres de Caruaru, realizado em fevereiro de 2009 pela Secretaria Especial da Mulher, reuniu 120 mulheres de diversas entidades. Podemos compreender que as mulheres de Caruaru já se organizavam em organizações mistas, como sindicatos, associações religiosas, associações de



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

comunidades, organizações educacionais e filantrópicas e reivindicavam além da melhoria de condições de vida, o fim da violência contra mulher, no entanto, não localizamos debates e movimentos que questionassem as relações hierarquizadas entre homens e mulheres.

Naquela ocasião, foi uma decisão da administração pública abrir-se para o diálogo e construir com as mulheres o planejamento da recém-criada Secretaria, situação atípica, visto que historicamente são os movimentos que pressionam a administração pública para que os organismos de políticas públicas sejam criados e as políticas públicas planejadas e desenvolvidas. Talvez, o perfil da primeira Secretária da Mulher de Caruaru, a ex-vice Presidenta da UNE, União Brasileira dos Estudantes e feminista, a jovem de 26 anos, Louise Caroline dos Santos Lima e Silva, tenha contribuído para essa abertura política.

Observa-se assim que em 2009, as políticas públicas para as mulheres foram construídas a partir do diálogo de dentro pra fora, da administração para as mulheres dos movimentos, o que foi fundamental para o fortalecimento da participação da mulher no processo decisório de suas vidas, já que ao que consta não havia na cidade histórico e movimentos feministas que tivessem as condições necessárias para reivindicar e pressionar a administração pública.

Portanto, consideramos o I Fórum das Mulheres de Caruaru como um marco histórico importante de articulação entre as mulheres que estão em movimentos diversos, algumas, sobreviventes da ditadura militar, a exemplo de Maria José Vasconcelos, integrante do MR8.

Para Cynthia Andersen Sarti (2004, p.37):

A presença das mulheres na luta armada, no Brasil dos anos 1960 e 1970, implicava não apenas se insurgir contra a ordem política vigente, mas representou uma profunda transgressão ao que era designado à época como próprio das mulheres.

As mulheres que participaram do I Fórum focaram então sua reivindicação no enfrentamento ao feminicídio de mulheres. Em 8 de março de 2009, a Secretaria da Mulher juntamente com essas mulheres organizadas em diversas entidades e movimentos, realizaram uma caminhada que teve como foco a violência. Uma articulação entre Secretaria Municipal, Estadual e Departamento de Polícia da Mulher de Pernambuco inaugurou o plantão da Delegacia da Mulher de Caruaru nos finais de semana, administração pública e movimentos teriam obtido sua primeira conquista.

Em 2010, foi realizada o II Fórum de Mulheres, segundo o anuário Bem-Me-Quem 2010, o II Fórum foi realizado durante três noites, contou com 200 mulheres de 80 grupos, movimentos e instituições. O II Fórum, foi

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

marcado por avaliações, cobranças e estabelecimento de prioridades, com os índices de violência reduzidos, a prioridade passou a ser o Conselho Municipal da Mulher.

No Brasil, o Conselho Nacional dos Direitos das Mulheres, sempre foi um espaço estratégico da luta pelos direitos e empoderamento da mulher, no período da redemocratização, com o lema “Constituinte Sem Mulher Fica Pela Metade”, as feministas incidiram diretamente sobre o conteúdo da Constituição de 1988 (PINTO, 2003, p. 75).

As mulheres então, realizam caminhada até a Prefeitura (BEM-ME-QUER, 2011) e entregam ao Prefeito José Queiroz, Projeto de Lei elaborado em articulação com a Secretaria da Mulher de Caruaru. A PL para criação do Conselho Municipal da Mulher de Caruaru, CMM, foi encaminhada sem modificações para Câmara Municipal de Caruaru, tornando-se Lei Municipal nº 4.928 em 22 de setembro de 2010, em sua composição o CMM contava com 75% das integrantes da sociedade civil, sendo 50% de organizações, movimentos e ativistas, 25% eleitas pelas servidoras e 25% indicadas pelo governo.

Na primeira composição do CMM, identifica-se diversidade de organizações e movimentos, vão desde organizações religiosas até movimentos com organização

nacional e que pautam o feminismo, a exemplo UBM – União Brasileira das Mulheres e Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais do Nordeste. Vejamos a composição:

1. Comunidade da Vila São Bento;
2. Grupo de Parteiros Tradicionais;
3. Grupo de Viúvas;
4. Ministério da Mulher da Igreja Adventista;
5. Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais do Nordeste – MMTR NE;
6. Movimento dos Trabalhadores Sem Teto – MSTs;
7. Movimento Mulher e Democracia;
8. Movimento Sem Terra – MST;
9. Núcleo Especial da Mulher Executiva de Caruaru – NEME;
10. Partidos de Esquerda (PCdoB; PDT, PCR, PDT, PT e PSB);
11. Rosa de Saron;
12. Sindicato dos Trabalhadores Rurais;
13. União Brasileira das Mulheres – UBM;

Identificamos na composição do Conselho no ano de 2010, a presença de no mínimo dois grupos, um mais a esquerda e a presença de um grupo que embora não afirmem-se com identidade política, o campo ideológico ao qual pertence, sustenta o pensamento da resolução dos problemas das mulheres sem alterar a ordem patriarcal, visto que tem como base dogmas religiosos.



Destaca Saffioti (2013, p. 384) que:

A luta dos movimentos femininos de ‘esquerda’ se desenvolveu, precipuamente, em torno de acontecimentos políticos, contra alta do custo de vida, mas apenas secundariamente em prol dos direitos da mulher” e reflete que “O “feminismo socialista” ou simplesmente “esquerdizante”, mesmo nas suas manifestações exclusiva ou quase exclusivamente práticas, sem pretensões teorizantes, como ocorreu no Brasil, representa, inegavelmente, uma forma de consciência mais plena que seu correspondente pequeno-burguês. Assumindo uma postura altamente crítica em relação ao *status quo* capitalista, foi capaz de tomar os problemas da mulher simplesmente como uma dimensão de uma totalidade social mais rica de determinações e localizar, nestas, as que deviam merecer atenção no plano imediato. (SAFIOTTI, 2013, p. 390).

Observa a autora que o feminismo pequeno-burguês, é:

[...] é insuficiente para proceder à desmitificação completa da consciência feminina, uma vez que, consciente ou inconscientemente, está compromissado com a ordem social das sociedades de classes, não encontrando, pois, outra via de manifestação senão aquela da atribuição, à categoria *sexo feminino*, de um grau de autonomia que ela não possui. (SAFIOTTI, 2013, p. 394).

Em 2011, é realizada a Conferência da Mulher, que mobilizou mais de 1500 mulheres, observe que neste ano onde o Brasil realiza a III Conferência, a cidade realiza sua I Conferência, o que mostra como o empoderamento das mulheres, a participação e as discussões sobre o tema é feita de forma tardia no município.

Na Conferência, dois grupos ganham uma maior visibilidade, as mulheres negras de terreiros e as mulheres trans, são novos

sujeitos sociais que adentram a esfera pública e ganham visibilidade social, influenciando que mais tarde, a pauta de Direitos Humanos seja incorporada na Administração Pública, com a transformação em 2014 da Secretaria Especial da Mulher em Secretaria da Mulher e de Direitos Humanos – SMDH, ponto de divergência nas discussões feministas.

Analisando o anuário Bem-Me-Quer no ano de 2012, iremos identificar que pautas que talvez possam ser caracterizada como feministas ganham mais força e visibilidade, acredita-se que isso reflita o crescimento das pautas também no seio da sociedade, identifica-se pautas como:

1. Direitos Humanos;
2. Gestão e Projeto Feminista;
3. Igualdade e Tolerância Religiosa;
4. Diversidade Sexual;
5. Saúde da Mulher;
6. Mulheres em Situação de Prisão;
7. Tráfico de Mulheres;
8. Profissionais do Sexo;

Ainda em 2012, fruto da I Conferência da Mulher, Caruaru lança o I Plano de Políticas para as Mulheres.

Em 2014, registra que a Secretaria da Mulher e de Direitos Humanos, recebeu a Marcha Mundial das Mulheres para dialogar sobre o machismo no São João da Capital do Forró. O Comitê da Marcha Mundial das Mulheres – Agreste, lançou na página oficial



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

do movimento no Brasil, texto que tem como tema “Desconstruindo o machismo no meio social, combatendo o patriarcado no ‘forró da capitá’”, ressalte-se que o movimento tem atuação internacional e é uma referência em movimento feminista, de modo que sua presença, reflete uma fase mais subversiva do movimento, identificamos aqui o ponto nefrálgico da transição da presença da cidade de movimentos de mulheres para agora movimentos feministas.

Observe-se que chegamos a um novo momento no cenário do feminismo em Caruaru, onde não mais se identifica apenas mulheres em organizações mistas ou movimento de mulheres, mas, que não reivindicam a desestruturação do patriarcado, agora é possível identificar células vivas de movimentos e organizações que pautam o feminismo e reivindicam a desestruturação do patriarcado, o que é de fundamental importância para a luta pelos direitos humanos das mulheres.

O patriarcado é uma estrutura de poder que hierarquiza as relações e coloca o homem branco heterossexual no topo dessa pirâmide social. Como observa Saffioti (2004, p. 104), o patriarcado manifesta-se através de diversos mecanismos na sociedade contemporânea e “[...] a base material do patriarcado não foi destruída, não obstante os avanços femininos[...]”.

A chegada dessa onda feminista em Caruaru, com a presença de movimentos e organizações que vão reivindicar o fim dessa hierarquia entre homens e mulheres vem a ser refletida na eleição do Conselho na Mulher para gestão 2014/2015, composto agora por segmentos identitários:

- A) Mulheres Negras de Terreiro;
- B) Mulheres Ciganas
- C) Associação Caruaruense de Cegos/as (ACACE)
- D) Ass. Moradores Lajedo do Capim (AMOLC);
- E) Movimento Sem terra (MST);
- F) União da Juventude Socialista (UJS)
- G) Mulheres Idosas;
- H) Associação Alto do Moura;
- I) Sindicato dos Trabalhadores/as Rurais;
- J) Marcha Mundial das Mulheres;
- K) Movimento Olga Benário;
- L) Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais do Nordeste NE;
- M) Rosa de Saron;
- N) Núcleo de Estudos em Gênero Elma Novaes – Faculdade ASCES
- O) Grupo de Pesquisa Educação Inclusão Social e DH (PPGDH) UFPE

Observa-se a saída da composição dos Partidos Políticos e de Igrejas e o ingresso de Grupos de Estudo, o que reflete que houve



também crescimento dos debates acadêmicos sobre a temática da mulher, após 2009.

O documento que nos leva afirmar que hoje ao contrário de 2009, há presença de movimentos feministas, o que não significa que esses movimentos sejam numerosos e sim que pautam questões estruturais da ordem patriarcal de gênero e reivindicam uma sociedade feminista, é a **Carta Aberta dos Movimentos e Organizações Feministas de Caruaru**, lançada em, 08 de março de 2016.

O primeiro ponto que deve ser observado é que as organizações e movimentos que assinam a carta afirmam-se feministas, afirmar-se feminista em um cenário onde prevalece o coronelismo é uma decisão política difícil.

Segundo que é assinada por 19 organizações, quais sejam:

1. Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste – MMTR-NE;
2. Marcha Mundial das Mulheres – MMM;
3. Movimento Olga Benário;
4. Movimento Lutas e Cores;
5. Movimentos de lutas nos Bairros, Vilas e Favelas – MLB;
6. Movimento de Mulheres de Terreiros;
7. Associação de Moradores do lajedo do Capim 4º Distrito (AMOLC);
8. União dos Estudantes – UESC;
9. Coletivo Afro Ilê Dandara;
10. Coletivo Feminino do PCdoB;

11. Afoxé Filhos do Lufã;
12. Centro Sabiá;
13. Ativista do Parto Humanizado;
14. Diversa Centro de Pesquisa em Direitos Humanos, Gênero e Democracia;
15. APODEC; ACACE;
16. Núcleo de Estudos de Gênero e Enfrentamento da Violência Contra a Mulher Elma Novaes (Nugen) da Faculdade Ascés;
17. Agroflor;
18. Coletivo Feminista Entrelaçadas;
19. Levante Popular da Juventude;

Observa-se que assinam também a carta movimentos e organizações mistas, mas, há uma presença muito maior de grupos feministas do que o número de organizações presentes na primeira composição do Conselho da Mulher em 2010.

Terceiro, ao observar o conteúdo da carta, vamos identificar a presença de pautas historicamente defendidas pelo movimento feminista no Brasil e no mundo, destacamos os seguintes pontos:

1. Reforma Política com paridade de gênero;
2. Pela descriminalização do Aborto;
3. Sistema de Transporte Público Seguro, de qualidade e com preços justos. Que após as 22h os ônibus parem onde for solicitado pelas mulheres e não apenas nas paradas oficiais e



Planos de Iluminação Pública que escute as mulheres;

4. Orçamento Público para Política para as Mulheres para além das previsões orçamentárias;

5. Sistema de Saúde que respeite o direito de escolha das mulheres;

6. Modelo de Educação que debate as questões de gênero no currículo escolar e mais creches de qualidade, em horário noturno e finais de semana;

7. Fim da utilização de recursos públicos para pagar shows que reproduzem e legitimam a desigualdade entre homens e mulheres;

Observa-se que com a presença do movimento feminista na cidade, pautas a exemplo a descriminalização do aborto, direito à cidade seguras e educação para igualdade de gênero, ganham visibilidade e fortalecem a implementação de políticas públicas feministas, agora é o movimento feminista que vai colaborar para que a Administração Pública avance no aprofundamento de políticas públicas feministas.

CONCLUSÕES

Importante observar nessas linhas finais que esse artigo não teve a pretensão de avaliar a qualidade das políticas públicas desenvolvidas, a qualidade ou consolidação do movimento feminista em Caruaru ou a

capacidade do Conselho Municipal da Mulher de exercer o controle social.

Refletimos tão somente a transição do movimento de mulheres para os movimentos feministas no cenário político de Caruaru e foi possível verificar que até 2009 predominava em Caruaru os movimentos de mulheres ou mulheres organizadas em movimentos mistos.

Consideramos movimento social nesse trabalho todo agrupamento coletivo de sujeitos que reivindicam a manutenção ou a superação do *status quo*.

Observou-se que de 2009 a 2016 diversos acontecimentos colaboram com a transição para a constituição de movimentos que se identificam feminista e passam a pautar o enfrentamento direto a Ordem Patriarcal de Gênero.

Identifica-se que as ações desenvolvidas pela Administração Pública através do Organismo de Política para Mulher contribuíram com o crescimento da pauta no município, pois, criou espaços de diálogo entre as mulheres, despertou o surgimento de estudos epistemológicos sobre o assunto e deu visibilidade às temáticas da mulher assim, ainda que indiretamente contribuiu com uma onda mais subversiva do feminismo na cidade, identificando como ações chaves:

1. Fóruns de Mulheres (2009 e 2010);
2. Criação do Conselho Municipal da Mulher;



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

3. Plano Municipal da Mulher;
4. Conferência da Mulher de Caruaru;
5. Introdução na política da mulher de debates sobre Diversidade Sexual.

Verifica-se que hoje há movimentos feministas que envolve organizações e movimentos com perfis diversificados, mas, que tem o objetivo comum de denunciar o machismo.

Por fim, destacamos que o fato de inicialmente as discussões e o diálogo terem sido estabelecido pela administração pública, não enfraqueceu a organização das mulheres em movimentos feministas, uma vez que, o que ficou demonstrado no estudo realizado é que aumentou o número e a diversidade de movimentos e debates feministas na cidade a partir de 2009 e que esses movimentos passam inclusive a questionar de forma qualificada a ação da Administração Pública a exemplo do que ocorreu na reunião ocorrida em 2014 entre Marcha Mundial das Mulheres e Secretaria da Mulher e de Direitos Humanos de Caruaru.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Elba Ravane Alves. **Casa-abrigo para as mulheres em situação de violência doméstica em Pernambuco: sob a ótica das mulheres pós-abrigadas.** / Elba Ravane Alves Amorim. – Recife: O Autor, 2015.

CARUARU, Secretaria da Mulher. **Anuário Bem-Me-Quer.** Caruaru, 2009.

_____, Secretaria da Mulher. **Anuário Bem-Me-Quer.** Caruaru, 2010.

_____, Secretaria da Mulher. **Anuário Bem-Me-Quer.** Caruaru, 2011.

_____, Secretaria da Mulher. **Anuário Bem-Me-Quer.** Caruaru, 2012.

_____, Prefeitura de Caruaru. **Eleita nova formação civil do Conselho Municipal da Mulher.** Disponível em <http://www.caruaru.pe.gov.br/noticia/10/06/2014/formacao-civil-do-conselho-municipal-da-mulher.html>. Acessado em 10/04/2016.

CARTA DOS MOVIMENTOS E ORGANIZAÇÕES FEMINISTAS DE CARUARU. Disponível em https://issuu.com/centrosabia/docs/carta_aberta_dos_movimentos_e_organ/1. Acessada em 30/04/2016.

CELLARD, A. **A análise documental.** In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.** Petrópolis, Vozes, 2008.

HARAWAY, Donna. “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Cadernos Pagu**, 2004, 22, p. 201-246. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n22/n22a09.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Dados gerais dos municípios: Infográficos de Caruaru/PE.** Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=260410>. Acesso em 28/04/2016.

MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES. **Desconstruindo o machismo no meio social, combatendo o patriarcado no “forró da capitã”.** Disponível em

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

<https://marchamulheres.wordpress.com/2014/06/24/desconstruindo-o-machismo-no-meio-social-combatendo-o-patriarcado-no-forro-da-capita/>. Acessado em 25/04/2016.

NARVAZ, Martha Giudice. **Submissão e resistência: explodindo o discurso patriarcal da dominação feminina**. 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul: 2005. Disponível em: <http://www.msmedia.com/ceprua/diss_marta.pdf>. Acesso em: 07. 04. 2016

PINTO, Celi Regina. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Perseu Abramo, 2003.

SAFFIOTI, Heleieth. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos Pagu**, n. 16, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a07.pdf>>. Acesso em: 12 abril 2015.

_____, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

_____, Heleieth. **Gênero e patriarcado: violência contra as mulheres**. In *A Mulher brasileira nos espaços públicos e privados* / Gustavo Venturi, Marisol Recamán e Suely Oliveira, organizadores. – 1. Ed. – São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2004.

_____, Heleieth. Violência de gênero no Brasil atual. **Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, n. especial, 1994, p. 443-461. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/articledownload/16177/14728>>. Acesso em: 07 abril. 2016.

_____, Heleieth. **A Mulher na Sociedade de Classes - Mito e Realidade - 3ª Ed.** 2013. São Paulo: EXPRESSÃO POPULAR.

SARTI, Cynthia Andersen. **O feminismo brasileiro desde os O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma anos 1970: revisitando uma trajetória**. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 12(2): 264, maio-agosto/2004.